ANNO 12.º — Sabado, 9 de Agosto de 1919 — Numero 585

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO DE AVEIRO

DIRECTOR E EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita
—Impressão na Tip. Nacional
R. dos S. Martires—AVEIRO.

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

DR. ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA

Está eleito presidente da Republica Portuguêsa um dos maiores propagandistas do ideal que raiou para o povo lusitano em 5 de Outubro de 1910. E' uma grande e nobre figura, é um grande e nobre caracter que vâmos ter por chefe supremo da nação. Saudâmo-lo. E oxalá que ao assumir, daqui a dois mezes, o alto posto, encontre abertas, de par em par, as portas da felicidade.

Novo presidente

Na conformidade das disposições constitucionaes, procedeu-se á eleição do novo presidente da Republica, na ultima quarta-feira, acto que se realisou com grande concorrencia dos membros do Congresso e ainda com a assistencia de varios representantes de paises estrangeiros e muito povo.

Ao terceiro escrutinio foi eleito por 123 votos contra 31, o snr. dr. Antonio José de Almeida, figura do maior relevo entre os mais velhos republicanos historicos.

Ainda que muito resumidamente, cabe aqui referir alguns pontos mais importantes da sua acção republicana, intemeratamente sustentada desde a frequencia dos bancos da escola.

O novo presidente, que nasceu em 18 de julho de 1866, em Vale da Vinha, concelho de Penacova, é filho do snr. José Antonio de Almeida e da snr.ª D. Maria Rita das Neves Almeida e casado com a sr.ª D. Maria Joana Perdigão Queiroga de Almeida, havendo desse matrimonio uma menina.

Formou-se em Coimbra na faculdade de medicina em 1895, sendo considerado o primeiro aluno do seu curso.

A sua propaganda e ideias trouxelhe o odio de varios lentes e daí a publicação do seu livro—*Desafronta*—de retumbante efeito.

Condenado a tres mezes de prisão por um artigo—*Bragança—o ultimo*—publicado no jornal *O Ultimatum*, a academia manifestou-se unanime e entusiasticamente durante o tempo da sua prisão, em continuas provas de estima e admiração pelo prisioneiro, tendo atingido o maximo da imponencia a homenagem prestada a quando da sua libertação.

Em 1891 identificou-se com o movimento revolucionario de 31 de Janeiro e em 1892 na questão da gréve academica.

Concluindo o seu curso em 1895, foi para S. Tomé, onde exerceu brilhantemente a clinica até 1903. Em 1905 propôz-se deputado por Peral.

O roubo da sua eleição é ainda hoje apontado como um cumulo de imoralidade, assim como o da Azambuja em 1905.

Em 1906 entra no parlamento.

Foi um dos revolucionarios do 28 de Janeiro de 1908 e activo colaborador da revolução de 1910.

Pronunciou discursos veementes e brilhantes, especialmente aquele em que condenou a expulsão da Câmara do dr. Afonso Costa.

Proclamada a Republica, foi ministro do Interior no govêrno provisorio, organisando o partido *evolucionista*, de que era chefe, assim como director do seu orgão o diario *A Republica*. Foi presidente do govêrno da *união sagrada* aceitando a colaboração do dr. Afonso Costa, com quem, por questões politicas, andava desavindo, gesto que lhe mereceu o unanime aplauso da nação.

Resumidamente feitas as notas biograficas do austero republicano e novo presidente eleito, com as nossas saudações vão os mais ardentes e patrioticos votos por que a sua melindrosa e dificil missão seja coroada dos mais beneficos e salutares resultados.

Films...

Interesse de saber

Em que país vivemos? E' Portugal, ou o que diabo é?—perguntava um dia destes certo jornal de Lisboa a que outro respondeu que isto não passa dum verdadeiro inferno com Diabo e tudo.

Peor, colega. Pois então não vê que se fôsse só um diabo com duas *traulitadas* seria o bastante para entrar na ordem? E assim, olhe o que aí vai... Por mais que se multipliquem os *trauliteiros*, nada...

Felizmente...

Anunciára um proféta, com aquele desplante proprio dos que passam a vida a intrujar a humanidade, que o mundo acabaria por todo o mez de julho, precisando os fieis não de se aterrorisarem ante a noticia do cataclismo, mas de se prepararem convenientemente para a grande jornada. Claro que nós tudo isso fizémos, aguardando com absoluta serenidade até á meia noite do dia 31 o comboio de embarque. Mas qual? O trem ou descarrilou ou os encarregados da sua condução se solidarisaram com os colegas da Companhia Portuguêsa, porque até hoje nem sombras dele...

Felizmente...

Custava-nos tanto deixar a terra com todos os cães que nos ladram em volta...

Edificante

Dum artigo de José de Magalhães na *Luta*:

> A fórma como tem decorrido a discussão no Parlamento, salvo raris imas excepções, é de molde a abalar o mais confiante dos optimismos quanto aos destinos do país. E' que se não vê a maneira de reedificar uma patria com montões de bosta amassada em tropos. Com bosta adubam-se as terras, mas não se cria um ideal.

E ainda *os nossos* não abriram a torneira... da eloquencia...

Que fará!... Que fará!...

Um edital

A' porta da sua igreja, um padre de Andaluzia fez afixar o seguinte:

> Se advierte a las señoras que los sacerdotes de esta iglesia se veran en el duro transe de negar la Sagrada Comunion y aun la permanencia en el templo á las señoras que vengan vestidas con blusas escotadas, transparientes, ó de mangas curtas y faldas ceñidas que les impidam hincarse decorosamente de rodillas.

O clero português que vá tomando nota nestes assomos de moralidade dos seus colegas hespanhoes. Tem tudo a lucrar, mórmente se alguma das amas fôr ciumenta..

Triste

Gomes Leal, o poeta sublime da *Historia de Jesus*, foi ha dias encontrado a dormir num banco solitario da Avenida da Liberdade, em Lisboa, e como se isso não fôsse o bastante para nos revelar o estado de abandono a que chegou uma das maiores cerebrações deste país, ainda referem alguns jornaes terem os garotos tomado á sua conta o glorioso autor do *Anti-Cristo*, a quem dirigem vaias, chufas e o apedrejam sem que apareça uma alma caritativa que ponha côbro a semilhante enormidade.

E lembrarmo-nos nós do que aí se explorou com a conversão do velho, do que aí se disse e fez, quando esse alto espirito se deixou arrastar pelos meandros da reacção!

Tudo eram grandêsas, dedicações, generosidades. Para, afinal, assistirmos a mais este edificante espectaculo que, sobre ser uma vergonha para a nação, inspira dó, pela miseria e abandono a que deixaram chegar o poeta maximo das *Claridades do Sul*.

Acudam-lhe, pelo amor de Deus!

Dos fixes

O deputado Plinto Pinto—ele sempre ha cada nome!—exteriorisou numa das ultimas sessões a sua extranhêsa por haver colegas que, sendo contrarios á dissolução, não sintam relutancia em vota-la.

E vai de aí, o fogoso orador, qual outro Demostenes, sempre no uso da palavra, exclama:

Como militar, prefiro morrer a tiro na Câmara, onde estou com sacrificio, a votar a dissolução parlamentar!

Socegue o ilustre *pae da patria* que ninguem o matará por tão pouco.

A DISSOLUÇÃO

Por 54 votos contra 44 aprovou na segunda-feira a Câmara dos Deputados o projecto que confere ao Presidente da Republica poderes para *dissolver as Câmaras legislativas, quando assim o exigirem os superiores interesses da Republica*, tendo sido posto de parte o principio que estabelecia que esse acto seria *precedido da consulta dos antigos presidentes da Republica e dos cinco mais antigos presidentes de ministerios, em sessão para tal fim convocada, devendo a declaração de voto de cada um ser publicada com o decreto da dissolução*, e fôra apresentado por um grupo de democraticos a que pertencem aquelas figuras que mais se teem salientado em crear dificuldades ao regimen, tornando-se odientas.

Dizem os jornaes que, ao findar a votação, no meio de grande balburdia, das bancadas evolucionistas apenas se ouviam, ininterruptos e unisonos, os gritos constantes de—Viva a Republica!—enquanto que dos esquerdos se respondia—Viva a Republica, mas do Sidonio.

E' que a dissolução, a estes, lhes custou mais do que a extração dum dente, ali, pelo *Pamporrilhas*...

E compreende-se: senhores do bôlo governamental, senhores da situação desde que se arvoraram em unicos defensores do existente, as coisas agora tendem a mudar de rumo, a modificar-se por fórma a sairmos do *gachis* politico, que, se ainda não produziu consequencias mais funestas do que aquelas a que temos assistido, a culpa evidentemente que não é dos que tanto teem concorrido para isso, comprometendo-se e comprometendo-nos a cada passo.

Enfim: está votada a dissolução!

Resta que quem a tiver de aplicar o faça com os olhos postos nos *superiores interesses* da Patria e da Republica, dando a essas palavras o verdadeiro significado que devem ter.

AMIGOS

De visita ao nosso director, estiveram terça-feira na Costa do Valado, povoação distante uns sete quilometros desta cidade, onde atualmente se encontra com sua familia, os seus dedicados amigos e tambem do *Democrata*, srs. dr. José Lopes de Oliveira, que se fazia acompanhar do Manuelsito, interessante creança que faz todo o seu enlevo de pae, Alberto Ferreira da Silva e Anibal Rezende, de Oliveira de Azemeis, e Eduardo Veról, que, tendo regressado da Africa Oriental, onde permaneceu treze anos ao serviço da Companhia de Moçambique, se acha agora residindo em Lisboa enquanto durar a licença que lhe foi concedida para gosar no continente.

Os visitantes, que fizeram todo o trajecto de automovel, passaram aqui, em direcção a Oliveira de Azemeis, já quando a noite começava a envolver a cidade com o seu manto negro, e depois de terem deixado Arnaldo Ribeiro, que muito os presa e estima, devéras cativado com a sua amavel gentilêsa e inesquecivel companhia.

Uma mistificação

A maioria parlamentar que, como se sabe, pertence ao partido democratico, não tendo conseguido que no decreto da dissolução fôssem introduzidas as emendas apresentadas pelo sr. Barbosa de Magalhães em nome do seu grupo, aprovou, porêm, uma clausula que, se não é troça, pertence ao numero das mistificações mais completas que conhecemos.

Imagine-se o presidente da Republica a só poder usar do direito de dissolver o Parlamento depois de decorridas... 120 sessões ordinarias! E quem nos diz a nós, quem garante que essas sessões se realisam ininterruptamente e não sucede o contrario para evitar que, em dadas ocasiões, sejam postos na rua os representantes da nação?

Extraordinarios genios se acoitam no velho casarão de S. Bento!

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro nos kiosques de *Valeriano*, e no da Praça Marquez de Pombal.

Posto de biología

Pelo sr. ministro da marinha, Rocha e Cunha, acaba de ser presente á Câmara dos Deputados uma proposta de lei, creando em Aveiro um posto de biología maritima e autorisando o govêrno a dispender a quantia de tres contos com a sua instalação.

Merece os nossos louvores.

Dr. Samuel Maia

Não nos tendo sido possivel colher para este numero as notas biograficas do ilustre ilhavense, cuja morte noticiámos a semana passada, limitâmo-nos a inserir hoje, apenas, o discurso que, junto ao coval do velho republicano, proferiu o dr. Alberto Souto, guardando para outra ocasião a homenagem que lhe desejâmos prestar não só por ter sido um distinto colaborador do jornal, mas ainda por a ele nos prenderem laços duma antiga camaradagem politica que se não desvanecerá tão cêdo, apezar de separados para todo o sempre.

Tem, pois, a palavra o dr. Alberto Souto:

Não levantarei aqui a minha voz apenas para dizer a Samuel Maia o ultimo adeus de amigo pessoal, para traduzir e exprimir o sentimento de dôr e de pezar que no meu intimo causou a sua morte.

As dôres morais, os grandes sofrimentos da nossa alma, os desgostos profundos, as saudades constante, cumpre aos homens sofrê-las em silencio para que as lagrimas não venham efeminar a nossa fronte varonil. Se viesse aqui apenas dizer a impressão que a perda do meu grande amigo me causou, eu pouco diria porque não poderia fazer mais do que chorar!

A mim, pertenci-me, porêm, o dever de calcar o sentimento pessoal—e ele é enorme!—para subir mais alto e fazer o elogio do nosso saudoso morto como cidadão e como pensador.

Em duas palavras, por agora, en prestarei essa homenagem ao ilustre filho da vila de Ilhavo, ao nosso antigo valoroso companheiro de ideias, que a morte acaba de arrebatar, causando á sociedade em que viveu uma perda quasi que irreparavel!

* * *

Samuel Tavares Mais, foi um artista que passou a vida, desbaratando o seu enorme talento, perdido numa insaciavel sêde de belêsa, num meio estreito de mais para os seus grandes merecimentos e para as suas singulares faculdades.

Foi escritor, pintor, dramaturgo, poeta e a sua individualidade definiu-se por um exotismo singular que muitos não compreendiam, mas que revelava a quem bem a estudasse, um temperamento excepcional procurando sempre impressões estranhas e belas e um talento invulgar das mais vastas aptidões.

Depois de Alexandre da Conceição ele foi o vulto literario proeminente da sua terra, manejando a penna com elegancia rara, modelando a lingua em formas cuidadas, dignas de um mestre.

Os seus artigos, os seus versos, os seus escritos eram de um verdadeiro escritor a quem só faltou o tempo, o vagar e o meio, para fazer uma obra grande e duradoira.

Como pensador, a sua filosofia encarando a *Dôr Humana*, sobre a qual produziu uma tése sensacional, é mascula e forte; o pensamento rico e profundo.

O sofrimento humano passava-lhe pelas mãos, e ele tocava-o, analisava-o, dissecava-o, com uma vista superior, um estoicismo admiravel que a muitos pareceria insensibilidade.

Bem pelo contrario: o seu coração era sensivel, terno e compassivo e o seu ideal, a sua aspiração e o seu sonho, era diminuir, minorar ou apagar o so-

frimento e a dôr, a todos dando auxilio, lenitivo e amparo.

Medico dos pobres, podia ter feito uma grande fortuna, mas era incapaz de aumentar a mizeria, de se valer da sua situação, de explorar a necessidade alheia. O seu desejo era acudir e valer para que do seu saber, da sua aptidão, da sua inteligencia, alguma coisa a sociedade aproveitasse, alguma coisa a humanidade recebesse.

Foi por isso mesmo socialista; o povo humilde, sofredor e desprotegido, era o principal objecto dos seus cuidados e dos seus pensamentos de medico, de filosofo e de sociologo.

Como politico, foi republicano e um dos mais distintos da geração famosa dos tempos heroicos do *Ultimatum*.

Dedicou á Republica o melhor da sua atividade publica. Incorrutivel e inabalavel, a sua figura de politico sobresaiu no grande meio republicano, onde era considerado, estimado e respeitado como um dos mais velhos e dignos de acatamento e respeito. Contava na sua intimidade muitos dos principais vultos do regimen, muitos dos homens mais eminentes da politica republicana.

Foi um português de lei e um patriota valoroso, batalhando pelo ideal sublime de vêr engrandecida pela Democracia a Patria que o gerou e que ele serviu com o mais veemente dos entusiasmos, com a mais rasgada das dedicações.

Mas o que ele principalmente foi, mais que tudo e acima de tudo isto ainda, foi um ilhavense, amando internecidamente a sua terra, amando apaixonadamente o seu povo, desejando como ninguem o seu progresso.

Se não fôra a sua paixão por esta terra, teria brilhado nos grandes centros, teria tido uma carreira distinta de escritor, de politico, de medico, numa capital populosa, onde é facil a fortuna e onde a sua grande inteligencia havia de sobresaír condignamente.

A tudo preferiu o seu Ilhavo, os seus doentes, a sua terra, os seus amigos, o seu povo!

Ainda ha pouco, quando o visitei nas alcantiladas do Caramulo, ele me disse que queria vir morrer a Ilhavo, que queria vir morrer á sua Costa Nova, vêr ainda o céu da sua terra, sentir ainda a briza da nossa ria, adormecer embalado pelo marulho do nosso mar.

Veio! Placidamente, sem um sobresalto, sem um estertor, sem um gemido, a morte foi numa madrugada fechar-lhe os olhos junto do seu jardim!

Samuel Tavares Maia, foi um dos mais ilustres filhos desta terra, onde fez da bondade uma norma e da generosidade uma regra a que nunca faltou, apezar das ingratidões que sofreu e das desilusões que o amarguraram.

Honrem-lhe os ilhavenses a sua memoria, unindo-se e solidarisando-se na Republica, pela bondade e pela generosidade, e trabalhando afincadamente pelo progresso da sua terra que ele amou com tanto enternecimento!

Esta, em resumo, foi a sua obra social. Como camarada de trabalhos intelectuais, como correligionario, como seu quasi conterraneo, como homem, como cidadão, eis a minha homenagem!

Quanto a mim, seu amigo pessoal, permitam-me que chore comigo e em silencio a imensa e eterna saudade, o profundo e eterno pezar que me deixa a sua grande figura a quem serei grato e dedicado.

Julgamentos

Pela segunda vez foram adiadas as audiencias em que deviam responder por abuso de liberdade de imprensa os srs. Francisco Manuel Homem Cristo e Antonio da Conceição Rocha. Causa: o autor dos processos, que é o ex juiz da irmandade do Santissimo de Esgueira e *fervoroso republicano democratico*, ter requerido a revisão dumas contas para provar que é pessoa honradissima e que se porventura repoz no cofre a quantia que de lá fôra *distraída*, isso se deve exclusivamente á bondade do seu coração magnanimo, sempre propenso á prática do bem, como estâmos em crêr se irá provar no dia que tiver as coisas preparadas.

E como não, se os *escrocs* e os gatunos conseguem quanto querem dos tribunaes?

O ponto é que se apresentem bem vestidos, bem calçados e bem... enluvados...

MORTOS ILUSTRES

Recentemente deixaram de existir o notavel romancista Teixeira de Queiroz, que, como velho republicano, pertenceu á Assembleia Nacional Constituinte, sobraçando, mais tarde, tambem, após a revolução de 14 de Maio, a pasta de ministro dos negocios estrangeiros, e o jornalista Xavier de Carvalho, de ha muito residente em Paris, donde enviava crónicas para vários jornaes tanto portuguêses como brazileiros.

Este ultimo deixa a familia em precárias circunstancias.

Um caso de demencia

—(*)—

Providencias a quem compete

Fechâmos o nosso ultimo artigo neste conceituado jornal *O Democrata* com aquele significativo dito dum campouio:

— Pobre homem! Depois que a Republica lhe subiu da barriga ao toutiço, enlouqueceu.

E bem podiamos ficar por aqui para que as autoridades competentes mandassem imediatamente internar em um manicomio o tal Faustino que ainda, segundo nos consta, vagueia pelas ruas da visinha e importante vila de Ilhavo, porque se *vox populi é vox Dei*, como é costume dizer-se, que mais seria preciso, que mais seria necessario?

Quando mais não fôsse, para se averiguar da verdade, procedendo-se a um exame medico-legal ás suas faculdades mentaes e a outras formalidades que é costume proceder-se em casos analogos.

Não nos consta, porêm, que coisa alguma se tenha feito, que quaesquer providencias se tenham tomado neste sentido.

Pois não abriremos mãos do assunto. Não póde uma povoação inteira, não póde um concelho com uma população de 16 mil almas estar em constantes sobresaltos e á descrição dos caprichos ou diabruras de qualquer maniaco, de qualquer louco que lhe perturbe a paz e a tranquilidade.

Não abriremos mãos do assunto, repetimos, enquanto tivermos penna e tinta ou até que providencias sejam dadas e justiça seja feita ás justas reclamações dum povo honesto e laborioso.

O tal Faustino é um perigo para o povo de Ilhavo.

Querem provas? Aí vão mais para que aos espiritos mais exigentes não reste ao menos duvida sobre o que vimos afirmando.

A verdade acima de tudo.

Faustino, o já, em Ilhavo, celebre e decantado Faustino, sempre possuido da mania da perseguição, como já dissemos, comete em plenas ruas daquela vila os maiores disparates a que o povo de Ilhavo não está, nunca esteve acostumado, e se agora os tolera, se agora os sofre com a resignação e constancia dum martir, é porque é excessivamente bondoso e hospitaleiro.

Mas vamos aos factos que falam bem alto.

A 25 de maio ultimo, se a memoria nos não falha, por ocasião duma manifestação de simpatia feita pelo povo de Ilhavo ao seu conterraneo José Andrade Senos, então, e não sabemos se ainda, ilustre vereador da Câmara Municipal daquele concelho de Ilhavo, o tal Faustino, sempre com a mania da perseguição, julgando-se, talvez, ferido no seu democratismo, a que diz prestar culto, sacrificar-se em holocausto e imaginando-se dono da Republica Portuguêsa, rompe por entre a multidão dos manifestantes que se apinhavam na Praça da Republica, acotovelando uns e derrubando outros, chapeu no cimo da nuca, os cabelos irissados, o bigode em desalinho, os olhos em chispas de fogo, a bôca em espuma, agitando grotescamente um forte bengalão, aproxima-se dum pobre mendigo, conhecido pelo nome de Amadeu Lisboa, e começa a espanca-lo desalmadamente, gritando como um possesso:

— Viva a Republica!

Foi necessario agarra-lo, conduzi-lo á farmacia do sr. administrador do concelho Francisco da Naia Marques, onde ficou sob custodia da respeitavel autoridade.

E tão convencido estava o povo de Ilhavo de que a acção que Faustino acabava de praticar não era um acto de malvadez, mas sim um ataque de loucura; que Faustino não era um criminoso, mas sim um doido que podendo ali mesmo dar-lhe a digna recompensa de tão lamentavel acção, podendo ali mesmo lincha-lo, apenas se limitou, e muito bem, a entrega-lo á responsabilidade da digna autoridade.

E' que o povo de Ilhavo conhece bem os seus deveres e prima pela bombridade do seu caracter.

O proprio Amadeu Lisboa, espancado e ferido, pois foi receber curativo, segundo nos informam, á farmacia do sr. Diniz Gomes, nem sequer se lembrou de chamar Faustino aos tribunaes onde, se não fôsse doido, recebia a devida correcção.

E' que tambem o Lisboa estava convencido que foi um doido que lhe bateu e um doido é irresponsavel pelos actos que pratica.

Um doido não se prende, um doido não se maltrata, um doido tem-se dó dele e interna-se num manicomio que felizmente ainda temos em Portugal.

Ouçâmos agora os comentarios do povo, que são eloquentes, sobre o assunto que nos prende a atenção.

Reunido aos magotes pelas ruas e mercearias, o povo comentava o caso, que se tornou a palestra do dia, na sua linguagem despreocupada e simples:

— Ora o raio do Faustino parecia mesmo um palhaço.

— Um toiro, um toiro é que ele parecia—comentava outro.

— Sim, sim—respondiam do lado—mas o Lisboa é que levou para tabaco.

— E' bem feito—acrescentava outro—quem tem juizo não se mete com doidos.

— Mas o Lisboa—acudiu um outro—não se meteu com o Faustino. Este é que foi desencabrestado pelo meio do povo a dar vivas á Republica e quando chegou ao pé do Lisboa, começou logo a malhar como em centeio verde.

— Olhem, meninos—dizia um velho a quem os janeiros começavam já a pratear os cabelos—é fugir dos doidos como dos cães danados e pelo que tenho já ouvido, esse Faustino é um maluco perigoso; é preciso fugir dele. *Abrenuntio, abrenuntio.*

Y.

Uma ameaça

—(*)—

Referem os cronistas, que, quando se procedia á votação nominal da segunda parte da proposta, pela qual o exercicio do direito de dissolução dependia do voto consultivo dos antigos presidentes da Republica e dos cinco presidentes de ministerio mais antigos, o snr. Sá Cardoso, que preside ao atual, teve necessidade de se retirar para os Passos Perdidos, voltando, porêm, á sala, apenas findou a chamada, para expressamente, com toda a clarêsa e expontaneidade, fazer caír dos labios esta palavra:

— Regeito!

Ao que o sr. Antonio Maria da Silva, irado, responde:

— Nós havemos de desmascarar o govêrno no Congresso do Partido Republicano Português!

O', filho!...

Os assinantes de *O Democrata* devem avisar a sua administração sempre que mudem de residencia.

Obras locaes

Proseguem com a maior actividade as iniciadas pela Câmara da presidencia do nosso conterraneo e amigo, dr. Lourenço Peixinho, que continúa a esforçar-se por dotar Aveiro com melhoramentos de valia.

Para a rapida abertura da avenida da estação, começaram já a ser demolidos alguns dos predios do Côjo, como os que ficam nas trazeiras do Hotel Central, pelo que se presume seja a nova e importante arteria da cidade inaugurada no proximo outono.

MULTAS

Por denuncias que teem havido, a guarda fiscal multou alguns proprietarios de estabelecimentos, pelo facto de estarem a vender tabaco sem a respectiva licença e por preços superiores ao que a Companhia tem marcado nos involucros das diferentes marcas.

Não ha duvida que as multas são bem aplicadas, porque o abuso é flagrante. Não deixamos, porêm, de fazer o nosso reparo quanto ao rigor que o fisco emprega e que é um contraste flagrante com o usado com aqueles que, pondo de parte os seus escrupulos de consciencia e humanidade, para unicamente venderem por preços exageradissimos o bacalhau, o arroz, o açucar, o azeite, o peixe, a carne, o pão e as farinhas, o calçado e as fazendas, se não importam que os classifiquem de exploradores, quanto mais de gatunos.

Já vão aparecendo queixas contra alguns negociantes que, aproveitando-se da gréve dos caminhos de ferro, vendem o açucar por preço superior áquele porque era vendido antes da gréve. Claro que a autoridade não quer saber disso e está no seu direito.

A ganhuça fascina-os e depois do açucar serão outros artigos contemplados com mais uns tantos por cento de adicionaes, como em tempos que não vão longe.

Ora contra todas estas desigualdades, ou seja a falta de leis que castiguem quem prevarica, ou seja a falta de cumprimento delas por parte do fisco, é que não podemos deixar de nos insurgir, clamando se o tabaco é necessario aos viciosos, mais necessarios são os géneros alimenticios considerados de primeira necessidade.

Notas mundanas

Com sua esposa está no Gerez, devendo dentro de curtos dias transitar para Vidago, o nosso querido amigo e conterraneo, Francisco Vieira da Costa.

=== *Deu-nos a satisfação dos seus cumprimentos o sr. João Nunes Pinguêlo, digno empregado da Fabrica de Porcelana da Vista Alegre.*

=== *Seguiu para Caldelas a sr.ª D. Candida de Carvalho Peixinho, esposa do sr. Jeronimo Peixinho.*

=== *Passou em S. Vicente de Cabo Verde, viajando de perfeita saude a bordo do Zaire, com destino a Loanda, o capitão Gaspar Ferreira, recentemente nomeado para uma comissão de serviço naquela possessão ultramarina.*

=== *De S. Tomé regressou a esta cidade o sr. Fernando de Assis Pacheco, a quem afectuosamente cumprimentâmos como velho amigo, que é, deste jornal e do seu director.*

=== *A passar as presentes férias, encontra-se na sua casa de Fermentelos o sr. Antonio Rodrigues Pepino, ilustrado professor primario.*

=== *Segue hoje para a Vila da Feira afim de tomar posse do seu logar de delegado do Procurador da Republica da comarca, o sr. dr. Joaquim Antonio de Azevedo e Castro, que, com sua familia, se achava veraneando na Costa do Valado.*

Edificante

—()—

Só pelas 17 horas do dia seguinte áquele a que se procedeu á eleição presidencial, teve Aveiro pelos jornaes do Porto, aqui chegados a essa hora, conhecimento do seu resultado.

O govêrno identificou-se tanto com o natural e logico interesse do país por aquele acto, que sómente, cêrca da meia noite de quinta-feira recebeu aqui o snr. governador civil o telegrama oficial, dando-lhe conta do resultado da eleição realisada... na vespera.

Parece troça, mas foi assim!

No presidio

Em consequencia de ter sido condenado no conselho de guerra a que respondeu ultimamente por se envolver tambem na aventura monarquica de janeiro, deu entrada na Torre de S. Julião, onde expiará a pena que lhe foi imposta, o tenente de artilharia, nosso conterraneo, snr. Alexandre Simões Vieira *(Rainha)*.

* * *

Por egual motivo foi aplicada a pena de demissão ao coronel sr. Frederico Sapuriti Machado, que durante bastantes anos residiu nesta cidade.

CORRESPONDENCIAS

Costa do Valado, 7

Porque a comissão administrativa da junta de freguesia tivesse deliberado chicanar com a posse dos eleitos do povo, ainda estes não assumiram as suas funções no domingo, esperando, ao que nos consta, faze-lo na proxima semana ao abrigo duma lei recentemente publicada e que lhes evitará encomodos de maior em face da atitude dos chamados republicanos da Oliveirinha.

Com efeito essa atitude é o que ha de mais extranho, tão pouco se coaduna com as normas que devem ser os primeiros a observar quantos se propõem servir dedicadamente o regimen, dando ensejo a comentarios que nem sequer queremos reproduzir para não avolumar miserias só proprias de quem não vê mais.

Mas o que se lhe hade fazer se os coveiros da Republica são exatamente aqueles que dizem ama-la com todas as véras?

—— Por virtude duma quéda acha-se de cama, em Mamodeiro, o nosso amigo e importante lavrador, sr. Claudio Portugal.

—— Em Vale de Figueiras, concelho de Santarem, onde era professor, faleceu o sr. Domingos Ramalheira, natural de Ilhavo, mas casado com a snr.ª D. Clotilde Dias de Azevedo, da Oliveirinha.

—— No fim da semana ultima tambem faleceram aqui uma filha, de 15 anos, do sr. José da Rosa e, em avançada edade, Ana Marreca, sendo ambos os cadaveres acompanhados ao cemiterio pela irmandade da Senhora do Rosario.

—— Vindos de Oliveira de Azemeis num magnifico automovel, estiveram na terça-feira nesta localidade, de visita ao director de *O Democrata*, o medico Lopes de Oliveira e os srs. Anibal Rezende, Eduardo Veról e Alberto José da Silva, que retiraram perto da noite.

—— O tempo refrescou um pouco, amanhecendo os dias bastante enevoados.

C.

Juizo de Direito da Comarca de Aveiro

Editos de 30 dias

(1.ª publicação)

Pelo Juizo de Direito da comarca de Aveiro e cartorio do escrivão do 5.º oficio, Cristo, que este passa, correm editos de trinta dias a contar da segunda publicação deste anuncio, citando os interessados Tomé Nunes Pinguêlo, casado com Conceição Vieira dos Santos, João Verdade Couto e Joaquim Verdade Couto, solteiros, de maior idade, todos lavradores e ausentes em parte incerta do Brazil, para assistirem a todos os termos até final do inventario orfanologico a que se procede por obito de Rosa Vieira dos Santos, lavradora, que foi casada, moradora no logar da Carvalheira, freguesia de Ilhavo, e em que é inventariante Francisco Verdade Couto, lavrador, viuvo da inventariada, residente naquele mesmo logar e freguesia, e sem prejuizo do andamento do mesmo inventario.

Aveiro, 25 de junho de 1919

Verifiquei a exatidão:

O Juiz de Direito,

Pereira Zagalo

O escrivão do 5.º oficio,

Julio Homem de Carvalho Cristo